

Homero. *Iliada*. Trad. de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia. 2005, 505 pp. [ISBN 972-795-118-X]

Com palavras naturalmente elogiosas recenseámos, no nº 6 desta revista (pp.213-15), a tradução da *Odisseia*, aquando da sua publicação, e ainda em primeira edição. Hoje contam-se já seis edições, o que nos parece ser uma prova irrefutável do êxito que o excelente trabalho de tradução da antiga epopeia de Ulisses colheu junto do leitor de língua portuguesa. É evidente que, neste caso, o mérito tem que ser dividido, pois se por um lado há que homenagear o poeta genial que a criou — o lendário Homero — por outro lado devemos reconhecer o contributo valioso que o autor da tradução prestou à divulgação, no espaço cultural português, de uma obra suprema de um cânone que não é nem ocidental nem oriental, mas universal.

No ano de 2005, Frederico Lourenço, realizando um desejo já formulado, brindou-nos com a publicação de uma versão portuguesa da mais antiga epopeia homérica, a *Iliada*. Fechou-se assim um ciclo na história da cultura portuguesa que, só a partir de então, pôde contar com a tradução integral das duas epopeias homéricas — por sinal, excepcionais.

A qualidade literária, o rigor estilístico, o ritmo harmonioso sobressaem uma vez mais nesta versão portuguesa da mais antiga epopeia homérica, com cerca de 17 000 versos, que só o trabalho persistente e exímio de um helenista devotado e bem informado podiam converter num texto que convida à leitura. O seu modo de fazer com que cada discurso, cada frase, cada sintagma ou cada palavra conserve a sua importância originária na economia da narrativa reflecte uma erudição sólida, actualizada, mas sóbria, que nunca inibe a fruição do texto.

A tradução é precedida de uma “Introdução”, de grande utilidade para qualquer leitor, facultando uma abordagem bem informada, precisa e clara de alguns dos tópicos mais discutidos pela crítica homérica e relevantes para a compreensão do poema.

Convidamos, por isso, todos os leitores a experimentarem o prazer da leitura do poema que inaugurou a literatura ocidental, com o canto da ‘cólera destruidora’ de Aquiles.

Terminamos, saudando uma vez mais esta magnífica publicação e formulando o voto de que a editora Cotovia continue a servir, de forma tão meritosa a cultura portuguesa, entregando à responsabilidade de helenistas ou latinistas a tradução de obras da Antiguidade Clássica, que serão para todo o sempre testemunhos inalienáveis da história da Humanidade.

MARIA FERNANDA BRASETE

Francisco Oliveira, Paolo Fedeli, Delfim Leão (edd.), *O Romance Antigo. Origens de um género Literário*, Coimbra, Universidade de Coimbra–Università degli Studi di Bari, 2005, 281 pp. [ISBN 972-9057-21-4]

São dezoito os estudos reunidos no presente volume, dedicado às origens e persistência do romance antigo, numa edição conjunta do Instituto e do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, e do Departamento das Ciências da Antiguidade, da Universidade de Bari. Num breve e conciso “Preâmbulo”, assinado por um dos editores portugueses, Francisco Oliveira, esclarece-se que esta publicação concretiza um projecto de dimensão internacional, nascido no âmbito da linha de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, e que esteve na origem de um congresso realizado em Março de 2005.

Um texto sedutor e poético de um dos maiores mestres da Filologia Clássica portuguesa, Walter de Sousa Medeiros, intitulado “Na Aurora do conhecimento: do Túmulo à Pacificação”, abre da melhor maneira esta colecção de artigos de reputados especialistas nacionais e estrangeiros, evocando dois romances paradigmáticos da Antiguidade: o *Satyricon* de Petrónio e o *Asinus Aureus* de Apuleio.

Uma discussão teórico-literária bem fundamentada e pertinente da *uexata quaestione*, que engloba a problemática taxonómica da narrativa de ficção da Antiguidade e a delimitação do género, constitui o cerne do estudo de Marília Pulquério Futre Pinheiro, intitulado “Origens gregas do género”.